

## O RIO BRANCO NO CONTEXTO DA AMAZÔNIA CARIBENHA: UMA NOVA INTERPRETAÇÃO<sup>1</sup>

Cícero Irlando Rodrigues Cordeiro<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo é uma reflexão a respeito de uma pesquisa ainda em estado preliminar abordando a formação histórica e sociocultural desenvolvida na região denominada Amazônia Caribenha, um território que agrega parte de cinco países, no nordeste da América do Sul, entre os séculos XVI e XVIII. Entre os elementos constituintes da mesma, seu autor, o Professor Doutor Reginaldo Gomes de Oliveira, do Departamento de História da UFRR tomou como base os dados historiográficos à disposição dos pesquisadores que não têm condição de vasculhar os arquivos europeus, onde certamente se encontram a maioria dos documentos referentes à colonização europeia da região. Dessa forma, na realização da pesquisa, o Professor Reginaldo utilizou fragmentos de diários de expedições, assim como outras obras produzidas pela historiografia que aborda a história da Amazônica.

**Palavras-chave:** Amazônia Caribenha, Encontros Interétnicos, Colonização

### ABSTRACT

This article is a reflection on a still in the preliminary research addressing the sociocultural and historical formation developed in the Caribbean region known as Amazonia, an area which aggregates from five countries in northern South America, between the sixteenth and eighteenth centuries. Among the elements that compose it, its author, Professor Reginaldo Gomes de Oliveira, the History Department took UFRR historiographical based on data available to researchers who are not able to search the archives of Europe, where they are most certainly documents relating to the European colonization of the region. Thus, in the research, Professor Reginald used fragments of daily expeditions, as well as other works produced by historiography that discusses the history of Amazon.

**Keywords:** Amazon Caribbean, Personals interethnic Colonization

---

<sup>1</sup> Este trabalho teve como base o artigo intitulado “O Rio Branco no Contexto da Amazônia Caribenha: aspectos da colonização europeia entre os séculos XVI e o XVIII” do Prof. Dr. Reginaldo Gomes de Oliveira, professor do Departamento de História da UFRR, publicado na coletânea “Relações Internacionais na Fronteira Norte do Brasil: Coletânea de Estudos. Boa Vista-RR: Edufr, 2008”.

<sup>2</sup> Graduado em História pela Universidade Federal de Roraima – UFRR.

## **Introdução**

A colonização da Amazônia, de acordo com a historiografia produzida desde as primeiras expedições, foi marcada pelo embate entre povos de culturas bastante diversificadas. Talvez seja a região de todo o continente na qual houve o maior número de concorrentes buscando anexá-la. Aqui lutaram holandeses, franceses, portugueses, espanhóis, ingleses, todos concorrendo pela conquista dessa região de riquezas fabulosas. Não se pode esquecer a luta de resistência dos homens americanos e homens negros, em busca de sua liberdade. Nesse aspecto, a Amazônia foi e continua sendo um cenário de luta e cobiça.

O brilho do ouro que ofuscou tantos sonhos, se para os homens americanos nada significava, não se pode dizer o mesmo para os adventícios de além-mar. O metalismo moveu toda aquela gigantesca operação que fez com que os homens europeus saíssem das fronteiras restritas de uma Europa convulsionada por lutas religiosas e guerras fratricidas, onde o gênero humano parecia estar no seu limite máximo de degeneração. O Novo Mundo parecia ser a solução. Era o paraíso perdido reencontrado e reivindicado pelas coroas católicas, assim como pelas não católicas que também se sentiam herdeiras do “testamento de Adão”. Abaixo o Tratado de Tordesilhas!

Para decepção dos homens europeus, os homens americanos não eram o típico “bom selvagem”. Eles tinham suas querelas, suas disputas territoriais, suas guerras, seus inimigos ancestrais e comiam outros homens. Esse comer “outros homens” não foi compreendido pelos homens de além-mar, incapazes de ver qualquer atitude simbólica no ato. Pelo contrário, essa atitude foi vista como passível da disciplina da cruz e da espada. A cruz e a espada trouxeram a escravidão, assim como o verde dos canaviais trouxe o homem de pele escura para este cenário de disputas, mas também de contatos interétnicos e de resistência.

O interessante artigo trata da colonização da região chamada Amazônia Caribenha, com destaque para o vale do Rio Branco. Região esta, mais conhecida a partir da descida do espanhol Francisco Orellana, em meados do século XVI vindo da cidade incaica de Quito (Equador), pelo que seria batizado com o nome de “rio das amazonas”, passou a despertar a cobiça dos principais estados nacionais europeus. A disputa se tornou mais acirrada a partir das notícias da existência da fantástica cidade de Manoa (supostamente localizada no interior de Roraima) e de seu reluzente príncipe Eldorado.

## **1 - Amazônia Caribenha: um cenário de disputas**

O artigo intitulado “O Rio Branco no contexto da Amazônia Caribenha: aspectos da colonização europeia entre os séculos XVI e XVIII”, do Professor Reginaldo (em caráter preliminar, conforme ele afirma) fornece ao leitor uma nova interpretação da ocupação europeia do que ele chama Amazônia Caribenha. Ou seja, “toda a região costeira do Atlântico Norte, entre o delta do Rio Orinoco e o Rio Amazonas, e margeando pelo Rio Orinoco, o canal do Casiquiare, o Rio Negro e o Amazonas” (p. 137).

Fornecendo novos elementos e casando estes com os fragmentos de relatos de expedições de viajantes, diários de viagens de expedições, entre outros documentos, o artigo leva ao conhecimento do leitor episódios até então tidos como irrelevantes do ponto de vista histórico e deixados de lado pela historiografia amazônica que trata da colonização. Um desses aspectos interessantes diz respeito à relação de caráter genuinamente comercial travada entre os holandeses e os homens americanos.

Outro aspecto interessante do artigo se refere ao próprio conceito de Amazônia Caribenha, conforme estabelecido no primeiro parágrafo deste texto. Conceito este gerado tanto do ponto de vista da historicidade do homem americano habitante dessa imensa região e ignorando a noção de fronteira política, como da geopolítica instalada pelos estados nacionais europeus a partir do início da colonização.

Após uma rápida introdução, o autor começa o texto tratando em linguagem bastante didática e acessível de toda aquela conjuntura formada a partir da chegada no continente europeu das primeiras notícias dos contatos interétnicos do início das chamadas “Grandes Navegações”. Com destaque para a assinatura do Tratado de Tordesilhas, em 1494, que literalmente dividia o mundo entre portugueses e espanhóis.

De acordo com o que pode ser entendido por meio da leitura do artigo do Professor Reginaldo, entre os principais estados nacionais europeus emergentes do início do século XVI (Holanda, França, Inglaterra, Espanha e Portugal) o clima de insatisfação foi quase generalizado. Com exceção dos dois reinos ibéricos, os maiores beneficiários com a “partilha do mundo”, com as bênçãos de Sua Santidade o Papa Alexandre IV.

De acordo com a visão historiográfica oficial da colonização da América, Cristóvão Colombo, seguido de Américo Vesúcio, cujo nome serviria para batizar o novo continente, parece que foram os primeiros navegantes a aportarem nas costas paradisíacas da Amazônia

Caribenha. Contudo, o interesse pela região nasceu a partir do início da conquista do Império Inca pelo espanhol Francisco Pizarro (1532) e da descida de Francisco Orellana pelo Rio Amazonas, em 1541-42.

A partir de relatos mirabolantes de súditos de Sua Majestade Católica, Rei da Espanha, os estados nacionais europeus tomaram conhecimento do fantástico mito do príncipe Eldorado e da fascinante cidade de Manoa. Tal mito reacendeu a cobiça no olhar do europeu, despertando o interesse pelo interior da Amazônia Caribenha, provável localização de Manoa e de seu príncipe Eldorado. É interessante observar que todos os indícios apontavam para o Lago Parima, supostamente localizado no interior de Roraima, conforme pode ser observado em alguns mapas do período.

## **2 – Sir Walter Raleigh: o protegido da rainha Elizabeth**

O sonho de encontrar o ouro foi uma das principais motivações das Grandes Navegações. De repente esta possibilidade parecia estar ao alcance dos emergentes estados nacionais europeus, gerando uma disputa acirrada em torno da localização de Manoa e de seu príncipe mítico. Nesse sentido, alguns aventureiros, sob a égide de algum monarca europeu se destacaram na corrida ao ouro, a exemplo do explorador Sir Walter Raleigh, protegido da Rainha Elizabeth da Inglaterra.

Walter Raleigh tinha o aval da rainha Elizabeth além de toda liberdade de ação para perpetrar suas investidas no sentido de localizar os fabulosos tesouros de Manoa. Os relatos desse explorador sobre as maravilhas da Guyana (imensas florestas, rios gloriosos, infinidade de pássaros) alcançaram enorme sucesso nas cortes europeias, sequiosas por novos conhecimentos, típico da Europa renascentista.

Toda tentativa foi em vão. Mas a penetração serviu para tornar a região mais conhecida, despertando o interesse dos europeus em outros aspectos, como as enormes possibilidades econômicas geradas a partir da agricultura de exportação e tráfico de mão-de-obra. Porém, à medida que se aproximava o ocaso dos tempos modernos, foi se apagando o fulgor do mito que ofuscou e mexeu com a imaginação do homem europeu, afeito desde tempos imemoriais à crença no fantástico, no lendário, no mítico.

De todos esses estados nacionais europeus, Portugal parece ter sido o mais cético em relação a essas “visões do paraíso” reconhecidas na Amazônia pela maioria de seus concorrentes. Isto talvez se explique pelo fato do pequeno reino ibérico, espremido entre a Espanha e o Oceano Atlântico, ter iniciado bem antes suas aventuras transoceânicas. Assim,

visões paradisíacas, povos exóticos e seres mitológicos, não representavam mais nenhuma novidade para os navegantes portugueses.

Entre os estados adventícios na Amazônia Caribenha, o jovem estado holandês parece ter sido o que mais soube tirar proveito da situação. Adotou de início uma política mais tolerante, porém não menos hostil e violenta em relação aos homens americanos e aos africanos. A violência incidia principalmente em relação a estes últimos, o que explica as rebeliões, as fugas de escravos negros e a formação de quilombos.

O artigo do professor mostra que dentro desse processo de colonização e conquista da América, a União Ibérica (1580 – 1640) teve um papel decisivo no sentido de favorecer a penetração holandesa na Amazônia Caribenha, assim como a penetração dos portugueses para muito além da linha estabelecida pelo Tratado de Tordesilhas. Sob a União Ibérica, tanto Portugal como Holanda tiveram liberdade de ação para adentrar e explorar territórios relativamente povoados por povos que mantinham suas trocas e contatos desde tempos imemoriais.

### **3 - Amazônia holandesa**

Os holandeses, instalados nas costas da atual República da Guayana, assim como nas margens e interior do Essequibo, por deixarem de lado os aspectos religiosos da conquista, diferentemente de portugueses e espanhóis (estados católicos), parece terem tirado maior proveito da relação com o homem americano, conquistando sua simpatia e sua confiança. Tanto é que quando a Coroa Portuguesa reivindicou a posse das terras banhadas pelos rios Negro e Branco, no início do século XVIII, encontrou uma intensa rede comercial estabelecida dentro das fronteiras da Amazônia Caribenha.

A independência da Holanda em relação à Espanha propiciou a formação de um grande império ultramarino, que teve como mola propulsora a criação da Companhia das Índias Ocidentais, em 1621. Entre as grandes conquistas da Holanda advindas da atuação dessa companhia, com poderes para colonizar novas terras e também declarar guerra, estavam o Nordeste do Brasil ou “Brasil Holandês”, além de possessões pela África e norte da América do Sul, ou Amazônia Caribenha.

Assim, na Amazônia Caribenha prevalecia um intenso comércio à base de escambo de produtos manufaturados (espelhos, colares de conta de vidro, facas, facões, machados, pólvora, sal) por parte dos europeus, principalmente holandeses, que em troca recebiam dos homens americanos madeiras tintoriais, entre outras drogas do sertão amazônico. O produto

de maior valor e mais visado pelos holandeses parece ter sido a mão-de-obra indígena. Esse contato constante com os aliados ameríndios permitiu o conhecimento de rios de alto valor estratégico como o Orinoco, Essequibo, Branco e Negro.

Em *Muralhas do Sertão: os povos indígenas no Rio Branco e a colonização*, Nádia Farage trata bem da questão desse intercâmbio comercial, tendo a mão-de-obra ameríndia um alto valor dentro do sistema colonial implantado pela Holanda e por outros estados nas ilhas do Caribe. Segundo essa autora, vários povos habitantes das terras banhadas pelo rio Branco comercializavam escravos ameríndios através do “rio dos holandeses” (nome dado ao Essequibo pelos portugueses). Sob esse aspecto, o povo Manaó do Rio Negro fazia constantes visitas aos holandeses do Essequibo viabilizando estas trocas. Há indícios de que Ajuricaba, o grande líder desse povo trazia uma bandeira holandesa tremulando na proa de sua embarcação.

Esse sistema de relação tão próximo despertou sérias preocupações por parte da Coroa Portuguesa, acelerando o processo de conquista lusa das terras que futuramente formariam o estado de Roraima. Aliás, esta terra era cobiçada não somente pelos holandeses, assim como pelos ingleses e espanhóis. Segundo Farage, os espanhóis foram rechaçados das margens do Rio Uraricoera, onde já haviam fundado alguns aldeamentos. Toda essa conjuntura precipitou a construção do Forte de São Joaquim na confluência dos rios Uraricoera e Tacutu, formadores do Rio Branco, no último quartel do século XVIII.

Consolidada a importante colônia de Essequibo e a construção de algumas fortalezas a exemplo do Forte Kijkoveral (1666), os holandeses instalaram também a colônia do Demerara (1741), esta, segundo o professor Reginaldo:

emergiu como uma colônia governada diretamente pela Companhia das Índias Ocidentais. Além do sucesso na agricultura, esses colonos holandeses, como posto de comércio ao longo do Rio Essequibo, aprenderam com os índios técnicas de caça e pesca, aumentando os produtos para comercialização (p. 152).

Outro importante aspecto destacado no artigo, diz respeito à participação da comunidade dos judeus que acompanhavam os holandeses em suas viagens ao Novo Mundo, que segundo o autor é um tema que merece atenção nesse processo histórico. Desse modo, vários judeus prósperos que tinham negócios no Nordeste brasileiro, quando da dominação holandesa, fugindo do processo inquisidor perpetrado pela Igreja Católica, fugiram para a Guyana e para as ilhas do Caribe, tornando-se prósperos fazendeiros.

#### **4 - Encontro entre holandeses e portugueses**

Com base nas informações coletadas, pode-se ter uma noção aproximada da complexibilidade desse tema na construção patriótica do lugar, que surgiu nas rotas de alianças indígenas. Entretanto, as informações são insuficientes sobre esses episódios, que são pouco estudados na historiografia amazônica. Todo o discurso versou sobre denúncia da etnia Manaó como obstáculo para a penetração missionária portuguesa e evangelização católica no Rio Negro em direção ao Rio Branco, por volta de 1714.

Na segunda metade do século XVIII, com a chegada dos portugueses, as denúncias contra os colonos de Essequibo, se tornaram mais fervorosas. Lobo D'almada, em nome dos interesses de Portugal, fez acusações, por meio de cartas e crônicas contra os holandeses e os espanhóis, habitantes dessa região. Para Lobo D'almada esses estrangeiros, considerados invasores pelos portugueses, não tinham interesse em evangelizar e nem “civilizar” o índio da Região Amazônica.

É importante observar que a historiografia brasileira aborda a ocupação portuguesa no Vale do Rio Branco só após o Tratado de Madri (1750) com a instalação do Forte São Joaquim, entre 1775 e 1778, sob o comando do capitão alemão a serviço da Coroa portuguesa Felipe Sturm e com a introdução do gado por volta de 1796 sob o comando de Lobo D'almada.

Não se pode esquecer que tudo isso aconteceu após a publicação do relato da expedição holandesa sob o comando de Hortsman, em Paris em 1744. A esse indivíduo, uma figura soturna, que sempre aparece na produção historiográfica do período e do qual pouco se sabe, é atribuído um relato seguro sobre a movimentação dos holandeses pelo Rio Branco e seus afluentes. Informações estas muito bem utilizadas pelos portugueses no sentido de expulsar os supostos invasores de seu território.

#### **Considerações finais**

O artigo é bastante elucidativo e o professor Reginaldo escreve de forma a atingir e ser compreendido até mesmo pelo leitor menos treinado em leituras mais complexas. *O Rio*

*Branco no contexto da Amazônia Caribenha: aspectos da colonização européia entre os séculos XVI e XVIII* tem como alvo o grande público, mas que em nada deixa a desejar ao professor universitário que deseja sistematizar uma boa aula sobre a geopolítica da conquista e as estratégias de resistência dos ameríndios e africanos.

O autor dá ênfase à reinterpretação da Amazônia Caribenha e destaca a importância dos documentos relacionados ao assunto, bem como, as autorizações das expedições exploratórias ou da colonização europeia e as relações comerciais entre os povos ameríndios e os holandeses nessa região onde hoje estão localizados os estados nacionais contemporâneos de Brasil, Venezuela e Guyana.

O autor afirma ainda, que o holandês do final do século XVI ao XIX, encontrou na costa da Guyana uma forte rede comercial indígena e foi criativo na utilização desses mecanismos em proveito próprio, ao colocar em circulação os manufaturados europeus na já consolidada malha comercial da Amazônia Caribenha. Todavia, não se tem clareza da língua oficial usada, tornando os representantes dos índios cúmplices dos colonos do Essequibo.

## **Referências**

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. *O Rio Branco no Contexto da Amazônia Caribenha: Aspectos da colonização européia entre os séculos XVI e o XVIII*. In: *Relações Internacionais na Fronteira Norte do Brasil* Coletânea de Estudos. Boa Vista-RR: Edufr, 2008.

FARAGE, Nádia. *As muralhas dos sertões: os povos indígenas no Rio Branco e a colonização*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; ANPOCS, 1991.